
As Origens de Yom Teru`á e Rosh HaShaná

Por Felipe Moura (Sha'ul Bensiyon)

Introdução

Este artigo já começará de forma polêmica: Rosh haShaná não é uma festividade bíblica. (O que, evidentemente, não quer dizer que seja ruim.)

Este ano, os editores do projeto TABS (Torah and Biblical Scholarship), um dos projetos acadêmicos da Bíblia Hebraica mais importantes do mundo, causaram certo frenesi ao afirmarem:

“Rosh haShaná tal como o conhecemos não existe na Bíblia. A Torá faz referência a um feriado que ocorre nessa data (o primeiro de Tishrê), mas em lugar nenhum a Bíblia descreve esse feriado como sendo um novo ano...

Lá, ele é comemorado com fortes toques ou brados (זכרון תרועה) e abster-se de trabalhar. Não é um ano novo.” (Rosh Hashanah Between Tanach and Mishna)

A Data, na Bíblia Hebraica

De fato, o Tanakh (Bíblia Hebraica) fala apenas duas vezes sobre essa data, afirmando o seguinte:

“Fala aos filhos de Israel, dizendo: No mês sétimo, ao primeiro do mês, tereis descanso, memorial com *teru`á*, santa convocação. Nenhum trabalho servil fareis, mas oferecereis oferta queimada a YHWH.” (Wayicrá/Levítico 23:24-25)

“Semelhantemente, tereis santa convocação no sétimo mês, no primeiro dia do mês; nenhum trabalho servil fareis; será para vós dia de *teru`á*.” (Bamidbar/Números 29:1)

Em outras palavras: A Bíblia diz apenas que a data é um feriado nacional, no qual haveria memorial de *teru`á*, sem qualquer especificação adicional.

O que Realmente Significa

Sabemos, pelo contexto bíblico, que *teru`á* é um brado, um som de alarme. Mas, na Bíblia Hebraica, não é um brado qualquer. Observe:

“Quando a arca do pacto de YHWH chegou ao arraial, prorrompeu todo o Israel em grandes gritos [תְּרוּעָה גְדוֹלָהּ - *teru`á guedolá*], de modo que a terra vibrou. E os filisteus, ouvindo a voz da gritaria [אֶת-קוֹל הַתְּרוּעָהּ - *et-qol teru`á*], disseram: Que quer dizer esta grande vozearia no arraial dos hebreus? Quando souberam que a arca de YHWH havia chegado ao arraial.” (Shemu'el Alef/1 Samuel 4:5-6)

Esse é o melhor trecho bíblico para compreender a questão: **O memorial de *teru`á* é o memorial de que sempre que Israel clama, o Eterno vem ao seu socorro.**

Isso também está associado, por exemplo, ao juízo dos inimigos de Israel:

"Por isso porei fogo a Moabe, e consumirá os palácios de Keriot; e Moabe morrerá com grande estrondo, com alarido [בְּתְרוּעָהּ - *bith`ru`á*], com voz de shofar. [בְּקוֹל שׁוֹפָר] - *beqol shofar*]." (Amos 2:2)

Portanto, a antiga celebração bíblica era feita com brados de vitória e comemorações dos livramentos que o Eterno havia concedido a Israel.

O shofar, embora citado acima, não era o único instrumento associado à época. A Bíblia Hebraica cita também vozes, trombetas e címbalos (1 Cr. 15:28-29, , indicando que *teru`á* não especificava um dado tipo de toque.

A ideia da solenidade é que o grito de socorro vira grito de júbilo, por conta da ação do Eterno.

Observe exemplo nos salmos:

"Também agora a minha cabeça será exaltada sobre os meus inimigos que estão em redor de mim; por isso oferecerei sacrifício de *teru`á* no seu tabernáculo; cantarei, sim, cantarei louvores a YHWH." (Tehilim/Salmos 27:6)

De fato, não existe outro entendimento possível a partir da boa exegese bíblica. A Jewish Study Bible, a mais importante Bíblia Judaica de estudos, confirma isso, afirmando em seu comentário de Lv. 23:4:

“A literatura sacerdotal contém uma grande quantidade de observâncias para lembrar Deus do povo israelita (Ex. 28:12,29; 30:16; Nm. 31:54). Essas podem ser comparadas ao arco-íris, designado por Deus como uma lembrança (para Ele próprio!) de Sua promessa de preservar a humanidade (Gn. 9:14-16).

Nm. 10:9-10 afirma que essa é a função dos toques das trombetas, soados quando Israel está em apuros, para chamar a atenção de Deus à sua aflição e assegurar Seu auxílio, ou quando celebrando festivais, luas novas e tempos apontados.

O “Dia do Brado” anual seria então visto pela tradição sacerdotal como um dia de Israel clamar a Deus, para lembrá-Lo de que eles são Seu povo e assegurar Seu auxílio. Na tradição posterior, essa observância se desenvolveu em diversas direções.

Apesar de “*teru`á*” literalmente significar “levantar um lamento, gritar”, é usada em Nm. 10:5-10 em conjunto com o soar das trombetas, e em Lv. 25:9

como referência ao chifre do carneiro. Isso levou à conclusão de que aqui também o som deve ser feito com o chifre do carneiro, ou o shofar.”

De Yom Teru`á a Rosh haShaná

Mas, então, como uma festa que celebrava a vitória dos israelitas diante da adversidade tornou-se uma celebração de ano novo, e de coroação ao Eterno?

Um comentário da própria Jewish Study Bible esclarece, de forma bastante sucinta:

“Mais adiante, com a adoção do Ano Novo de outono como o principal, o primeiro dia do sétimo mês no calendário de outono se tornou o Dia do Ano Novo (“Rosh haShaná”).

Uma vez que no meio cultural do antigo Oriente Médio, o anúncio do Ano Novo era particularmente associado com celebrações de reinado, Rosh haShaná se tornou, dentre outras coisas, um dia para marcar a soberania de Deus como rei.

Por fim, uma vez que abre um período que conduz ao anual Dia da Expição... Rosh haShaná se tornou investido do significado do último, e agora marca o princípio do período penitencial anual de dez dias do Judaísmo.” (Jewish Study Bible - Lv. 23:24)

Em outras palavras, a ideia de Rosh haShaná no outono é uma prática pós-exílica, que vem da absorção de costumes adjacentes.

Muito provavelmente, a prática tem início na época do cativo babilônio, de onde o povo judeu também trouxe os próprios nomes do calendário judaico.

A prática teria demorado a tornar-se *status quo*, e por isso não se ouve falar dela nas Escrituras.

A Temática da Coroação

Muito importante na cultura judaica é a temática de que esse seja um período de coroação do Eterno, no qual Ele se assenta no trono para julgar os povos.

Por essa razão, é comum que a época seja recheada de frases como “*Que você seja lembrado para o bem!*” ou “*Que você seja inscrito no livro da vida!*” Isto é, que você receba um julgamento favorável.

Poucos sabem, contudo, que a ideia do Eterno se assentando nessa época para julgar as nações e escrever nos livros o próximo ano não existe na Bíblia Hebraica.

De onde, então, vem essa tradição? O Dr. Uri Gabbay - doutor em Assiriologia e professor da Hebrew University de Jerusalém, esclarece:

“Dependendo do tempo e lugar, o Ano Novo Mesopotâmio começava ou no princípio do outono, ou no primeiro dia do sétimo mês, chamado Tashritu (a origem do mês hebraico Tishrei, ainda não encontrado na Bíblia), literalmente significando ‘Princípio’...”

Esses eventos correspondiam ao cenário do mito babilônio chamado *Enuma Elish*, que servia de narrativa central e base teológica para o deus Marduk e sua cidade, a Babilônia. O mito conta da batalha de Marduk e da vitória sobre a deusa do mar Tiamat e seus monstros furiosos, a criação do universo a partir de seu cadáver, e o ato de entronizar Marduk como rei entre os deuses e no universo...

A procissão cúlrica de volta para o templo principal de Marduk era concebido como seu retorno para a Babilônia depois de sua vitória, e ele então era lá (re)entronizado como rei dos deuses. A estátua de Marduk era então assentada no anexo leste do templo chamado de Trono-dos-Destinos, onde ele faz julgamentos e decide o destino para o ano vindouro.” (Babylonian Rosh haShanah)

Em outras palavras, o costume vem da mitologia babilônia, onde justamente nessa época o deus Marduk se assentava para julgar os povos e decidir o destino do ano seguinte.

Ao contrário do que possam pensar os teóricos da conspiração, os motivos da inserção dessa tradição não foram obscuros:

Muito provavelmente, essa crença permeou o povo judeu na época do exílio. Como é muito difícil combater uma crença popular, os sábios fariseus fizeram a única coisa que puderam: Tornaram-na uma prática monoteísta.

Ao invés de temer - ou mesmo comemorar - Marduk à época, o povo judeu deveria temer e comemorar o Eterno. Se alguém se assenta no trono para determinar o destino das nações, esse alguém é o Criador, e não uma divindade babilônia.

Isso teria acontecido à época do Segundo Templo, de quando é a menção mais antiga do Eterno nessa posição: Ela aparece na obra conhecida como Antiguidades Bíblicas, também chamado de pseudo-Fílon.

Trata-se de um texto farisaico do século I, que diz o seguinte:

“No festival das trombetas haverá uma oferta em favor de tuas sentinelas. Porque nela eu revejo a criação, de modo a tomar anotações do mundo todo. No começo do ano, quando tu te apresentares, eu decidirei o número daqueles que irão morrer e que irão nascer.” (Antiguidades Bíblicas 13:6)

Como Yom Teru`á - a Festa das Trombetas - ocorria à época do Ano Novo Babilônio, tornou-se objeto do sincretismo supracitado, assim dando origem à tradição que hoje é milenar.

Vale ressaltar ainda que não foram os fariseus que inventaram a ideia de tomar da cultura popular e torná-la monoteísta. A própria Torá é repleta de exemplos em que isso aconteceu: Desde os elementos da criação no Éden até os próprios sacrifícios de animais, os objetos no Tabernáculo, entre outros.

Para a própria Bíblia Hebraica, a origem de um elemento cultural é irrelevante. O que importa é o que o que aquilo representava naquele momento.

Embora a ideia de que o Eterno esteja sujeito ao tempo, e assim se assente a esta época do ano para julgar as nações, embora um tanto ingênua é absolutamente inócua.

Mas a ideia do Eterno sendo coroado como Rei e Juíz das Nações é plenamente bíblica, e se encontra em diversos trechos das Escrituras, especialmente nos textos pós-exílicos. Por exemplo:

“Digam entre as nações: “YHWH reina! ” Por isso firme está o mundo, e não se abalará, e ele julgará os povos com justiça.” (Salmos 96:10)

Celebrar esse fato, portanto, é algo absolutamente salutar.

Infelizmente, esse tipo de celebração está ausente da Torá, pois a ideia do Eterno como Rei de todas as nações não era, à época em que as solenidades bíblicas foram concebidas, muito popular em Israel.

Embora o Eterno fosse visto como soberano, ainda era tido pelo povo como Divindade exclusivamente israelita. Aliás, um conceito que aparentemente se mostra bastante difícil de ser superado.

É, portanto, bastante adequado que haja uma celebração que comemore o Eterno de forma mais universal.

Conclusão

Antes que alguém proteste quanto ao fato de Israel ter importado a celebração, é importante lembrar que todas as celebrações da Torá têm precedentes anteriores na cultura suméria, egípcia ou cananéia.

Em outras palavras, a Torá não reinventou a roda: Tomou daquilo que o povo conhecia e sabia fazer, e consagrou ao Criador. Criticar feitos

posteriores semelhantes seria correr o risco de incorrer em seletividade histórica.

Assim sendo, o autor deste material não vê problemas nos aspectos posteriores da celebração de Rosh haShaná, desde que não firam o Monoteísmo e os aspectos fundamentais da Torá.

Porém, há uma ressalva...

O autor lamenta profundamente Yom Teru`á, a celebração original, tenha se perdido completamente nesse processo.

Não se vê mais a celebração dos livramentos, a ideia de que temos uma Rocha, um Protetor, que vem ao nosso socorro sempre que clamamos por Ele, em nossa angústia.

E, assim sendo, encoraja o leitor a embarcar na ousada heresia de voltar à Bíblia Hebraica, de resgatar a simplicidade de suas origens, e de reconhecer como sua essa herança.

E isso, inclusive, não se restringe ao povo judeu. Quantas vezes, antes da existência de Israel, o Eterno veio ao socorro dos justos.

Quando falamos de Monoteístas de outras nações, celebrar ou não uma festividade culturalmente israelita vai de cada um. Ninguém pode ser obrigado a adotar a cultura de outro povo.

Porém, na concepção do autor deste artigo, celebrar o fato de que nossas angústias são transformadas em vitória é um ensinamento da Torá para todos os Monoteístas, independente de qualquer coisa.

Que nunca nos esqueçamos disso!

Gostou do artigo?

Faça uma doação ao nosso projeto, para que possamos produzir cada vez mais! Utilize uma das contas abaixo:

Itaú (Preferencialmente)

Ag. 7062
C/C 26683-3

Caixa Econômica Federal (pode ser feito nas lotéricas)

Conta Poupança: 1374.013.93399- 5
(este número já inclui conta, agência e operação)

Banco do Brasil (pode ser feito nos Correios)

Ag. 3559-9
C/C 51292-3

Deseja imprimir este material?

Nossos colaboradores têm acesso a uma área exclusiva no site, com os textos desbloqueados para impressão. Saiba mais neste link:

<http://monoteista.org/querocolaborar>